

O Progresso

ANNO I

S. Paulo, Setembro de 1911

NUM. 2

EXPEDIENTE

Redacção e Administração: Rua Galvão Bueno, 84.
Redactor-chefe - Juvenal A. Fagundes.
Gerente - G. Malfatti.

AUXILIARES

Diogo Salles e Alvaro Penteado

Toda a correspondência para «O PROGRESSO» deve ser dirigida á Rua Galvão Bueno, 84.

Assignaturas para todo o Brazil

ANNO 3\$000

SEMESTRE . . . 2\$000

Assignaturas para o Estrangeiro

ANNO 5\$000

Os autographos embora não publicados não serão restituídos.

A colaboração é franca aos srs. assignantes e ás pessoas amigas.

“O PROGRESSO”

Cheios de satisfação, registramos hoje nestas columnas os mais sinceros agradecimentos, ás animadoras phrases de felicitações que temos recebido pelo apparecimento da nossa despretenciosa revista.

Confiados no espirito esclarecido e no carinho com que a adiantada população desta capital e do interior nos recebeu, conscios do amor com que o povo desta terra predestinada, trata de tudo que mais ou menos se prende ao progresso material ou intellectual de São Paulo, é que nos animámos a emprehender esta publicação, com o intuito unico e certamente louvavel de tambem baldearmos o nosso insignificante silex para a construção do magestoso edificio do progresso desta capital.

Assim, o modo pelo qual fomos recebidos, as palavras de animação que nos têm sido endereçadas, tudo veio provar-nos que tinhamos razão, que a nossa grande confiança, ao lançarmos aos ventos da publicidade a nossa folha, não era infundada e improcedente.

Em retribuição a tantas gentilezas, em compensação aos immerecidos elogios que nossos amigos nos têm dispensado, resolvemos ampliar-o de boa litteratura além da parte commercial que será amenisada por esta forma.

Fomos forçados a modificar

o feitio da nossa publicação por dous ou tres mezes afim de garantir as tiragens futuras. Esperamos em breve voltar ao antigo formato de revista com maior numero de paginas e com abundantes illustrações. Os nossos leitores e amigos hão de notar, que, não abandonamos o nosso intento com a collaboração actual e nem mesmo temos intenção de nos desviar do rumo por nós já traçado.

Ainda uma vez agradecemos as saudações que nos enviaram e retribuimol-as com abundancia de affectos.

São Paulo, Setembro, 1911.

A REDACÇÃO

A VISITA DO MASCATE

A luz ia se tornando cada vez mais distincta e os pios das primeiras aves da manhã já se ouviam entre os valles adormecidos da Serra do Mar. Pouco a pouco a matta ia se acordando e os seus habitantes saudavam o sol que com raios apenas mornos inundavam de dourada luz as copas das arvores, tingindo-as de todos os matizes. Afinal, sentindo-me restabelecido das longas horas de viagem do dia anterior ergui-me da tarimba. Depois de ter tomado uma caneca de café, abandonei o pouso, deixei meu camarada cuidar do nosso arranchamento provisório e pegando na espingarda abandonei a beirada da matta e procurei a margem do M'Boy.

Este rio, visto do cimo da collina onde está o arranchamento, é deveras de um aspecto muito curioso. Nas suas margens divisam-se alguns vargedos cobertos de uma vegetação de um verde-claro bellissimo. Estes lugares alagadiços apresentam aqui e acolá uma sinuosidade onde elevam se os capões de matto ricos em palmeiras e tapinas esbranquiçadas que, com o reflexo de uma ou outra bacia de agua parada, dão uma impressão alegre e pittoresca á região.

Extasiei-me de apreciar as bellezas daquelle mimoso valle que fazia lembrar tantos momentos felizes de outros tempos. Emquanto olhava para um dos reflexos do rio vi uma garça que suspendeu o vôo e abanando lentamente as azas seguiu o rumo da corrente, passando á frente da casa de um dos moradores do valle. Foi então que lembrei-me do morador daquelle choupana meio abandonada e dos tristes acontecimentos de que fora vi-

ctima. Senti saudades do pobre homem; um ancião do tempo do imperio e que sempre me havia acolhido com todo o carinho. Foi com o desejo de tornar a vel-o que descii a encosta do môro respirando os suaves balsamos da manhã e cantarolando por aquelles vergeis floridos.

Afinal alcancei o lugar desejado depois de passar por uma successão de oasis cada um mais bello que o outro. A casa ha muito tempo não havia tido retoques e os esteios das paredes estavam a descoberto de tal maneira que pareciam os ossos expostos de uma carcassa abandonada. Só notava-se o terreiro á frente da casa que por estar muito limpo e varrido indicava ao viandante que a casa era habitada. Quando cheguei á frente da morada vi o ancião que tomava um pouco de sol sentado á soleira roliça de sua porta e acariciando o palhaço; seu velho e inseparavel cão de fila. O velhote tinha a barba mais crescida que de costume e trazia uma continua expressão de tristeza imprimida nas suas rugosas feições.

Como de costume, gritei ao velho assim que entrei pela portinhola do terreiro.—

«Ora viva! Só Vicente».

«Bons dias»—respondeu-me e pouco depois olhando-me com attenção—«Ha... é o Snr.? Sempre decidi dar um pulo até cá. Entre, só moço, não faça luxo em casa de homem pobre».

«Não, agradecido, aqui mesmo eu me abanco. Mas então Só Vicente, como foi a tal historia do mascate? Sente-se ainda muito mal?» perguntei.

«Ha... já lhe contaram?» perguntou-me admirado.

«Como não havia de perguntar por si? Então me esqueço dos bons amigos?»

O velho olhou-me um pouco mais animado e depois continuou:—

«Graças a Deus ainda, ha boa gente nesta terra; porque se não fosse por isso, aniquilado como estou, não encontrava um homem que tivesse a caridade de me por quatro grãos de feijão na cúia. Em todo o caso o Justino sempre arranja algum pescado que vae vender em Sto. Amaro e mesmo os visinho este anno me fizeram uma roça de milho».

Animei o velhote com boas palavras e depois pedi de novo, que me nariasse a sua extranha aventura. Vicente já um pouco mais satisfeito assim principiou:—

«Estava assentado aqui mesmo e contando um dinheirinho de quartas de fubá que vendi na villa quando o palhaço ergueu se de repente e principiou a latir e a rosar. Apareceu um sujeito alto e magro, com um par de argolas nas orelhas.

—Não parecia um italiano; parecia mais um destes mascates tsnados que andam percorrendo o sertão. Pediu licença, me saudou e avançou com boas maneiras. Só o palhaço é que desde o principio não gostou do sujeito. Elle, como espanto meu assentou-se commodamente ao meu lado e isto como fosse amigo de muitos annos. Em seguida disse-me que tinha vindo para ver se comprava um pedaço de chão para plantar mandioca e que estava cansado de correr o mundo».

O velho passou a mão esquerda na fronte interrompendo a narração pediu-me que o ajudasse a entrar em casa porque o sol já estava ficando demasiado inclemente.

Arrastei o coitado com geito para não machucar um dos seus braços, que tinha ficado paralytico devido ao proprio mascate e depois de tomar um pouco de repouso Vicente continuou a narrar a sua historia:

«Eu principiei a me interessar pelo mascate e dei-lhe alguns conselhos sobre plantações, colheitas e outras tantas coisinhas proprias do lugar. Pouco depois a conversa foi-se esfriando e eu para avivar a chamma perguntei ao desconhecido por onde havia andado nos seus ultimos tempos de vida errante. Falei de pessoas que n'outros tempos havia conhecido nos lugares por onde passara o mascate e este sempre queria desmentir o que eu affirmava. O certo é que o homem queria procurar rixa comigo e eu não dava pela coisa.

«Afinal zanguiei-me e chamei-o de mentiroso e de tratante. Elle pareceu nem fazer caso do que eu disse. Somente notei, que seus olhos faiscavam quando eu os olhava de surpresa. Notei que o mascate olhou para dentro de casa e viu que lá só estava o meu Justino. O pequeno pegou na espingarda e sahiu de casa. Eu o acompanhei com os olhos; porem não me esqueci do mascate aquem havia virado as costas. Justino andou umas vinte braças e entrou na matta. Quando o perdi de vista entre as ramagens senti que o mascate levantava o braço a traz de mim e ao voltar-me não é que errando o golpe deu-me uma facada no braço direito?»

«Fiquei atordoado por um momento e o diabo do mascate fugiu com o meu dinheiro tomando o caminho da roça para não se encontrar com o Justino. Chamei o pequeno com tantas forças quanto podia. Este gritou em resposta e appareceu correndo. Pedi-lhe que me desse depressa a espingarda engatilhada. Atirei no vulto na corrida e como estivesse já longe a bolla passou assoviando; mas não attingiu o

alvo. Fiquei muito atordoado pela perda de sangue. Pedi ao pequenito que me amarrasse uns pannos no braço e deitei-me na tarimba. Justino pouco depois sahiu de casa a toda a pressa.

«Pouco depois já não sentia nem sabia de nada. Quando acordei vi alguns dos meus vizinhos, assentados ao redor da minha cama. A luz do candieiro estava piscando e as pessoas que me rodeavam estavam mudas e pensativas como estivessem velando um defunto».

O ancião neste ponto deu uma debil risada e depois acrescentou com franquesa:—

«Agora o Justino que conte o resto, elle é que viu a cousa como foi».

Bateu com o braço que não estava ainda são no meu hombro e depois olhando para a porta da cosinha gritou: «O' pequenito, vem cá contar ao moço como deram cabo do mascate».

Justino espiou logo detraz do batente fechado da porta da cosinha e tendo me conhecido entrou na sala e perdeu um pouco do seu costumado acanhamento. Passou, enquanto abaixava a cabeça a manga da camisa por baixo do nariz para ficar com melhor apparencia e depois perguntou:—

«E' p'ra contar do mascate?»

«Sim, meu filho e principie a contar desde o ponto que você fugiu de casa» replicou o tio sorrindo bondosamente.

O pequeno principiou:—

«Eu primeiro feizei toda a casa com o palhaço dentro p'ra tomar conta do tio e o sujeito não voltar. Depois corri ligeiro até a casa de D. Emilia, onde havia muchirão. Quando cheguei lá, todos me viram assustado e me perguntaram o que havia acontecido. Quando contei que o tio estava ferido e que o mascate tinha fugido com todo o dinheiro o Amaro coçou a cabeça e mandou parar toda a roçada. Os homens pegaram nos pica-paus e vieram correndo atraz de mim».

«Afinal chegamos em casa. Soltei o cachorro e deixei dois homens para tomar conta do tio. O cachorro farejou logo e enveredou-se pelo caminho da roça».

«Corremos e demos com o mascate do outro lado de um capão de matto e quasi de todo atollado no varjão».

«Nós mandamos elle jogar fóra a faca e o Titto cortou uma taquara para puchar o sujeito. O mascate ficou com muito medo porque Titto disse que batia fogo si elle só dissesse uma palavra. O mascate não queria morrer no brejo e rendeu-se».

O titto queria acabar com o sujeito que estava todo coberto de lodo e os outros não consentiram. O sol já estava descambando e então resolvemos trazer o sujeito até em casa; mas quando chegamos resolvemos amarrar elle na beirada da matta.

«O Titto cortou uns imbés, amarrou o mascate n'uma grumixabeira».

Acabando de pronunciar esta ultima phrase Justino fez um gesto de horror e conservando a mesma postura continuou a contar o resto da historia:—

«Quasi todos foram embora. Só alguns ficaram tomando conta do tio. De noite a pintada miou tres vezes na beira da matta. O palhaço poz o rabo entre as pernas e foi se esconder debaixo da tarimba com os olhos faiscando de medo. Depois ouvimos de longe o mascate pedir soccorro gritando: «accuda accuda pela Virgem Maria» e tudo ficou quieto. Titto abriu uma janella e apontando para a beirada da matta e perguntou:—

«Não encherga lá duas luzes?» «Eram os olhos da pintada que estavam olhando para nós».

Depois me contaram que o mascate havia sido victima da féra. Hoje debaixo da grumixabeira ergue-se uma modesta capellinha onde ve-se ainda uns ramos murchos de flor de S. João.

Os moradores do valle quando por lá passam persignam-se respeitosamente. Os passaros vem cantar alegremente sobre a grumixabeira e tudo parece dizer que o espirito do mascate tendo apellado á Virgem Maria, antes de morrer, repousa em socego sob a divina aza da Providencia.

Caeté, 12 de Junho de 1911.

MATILFA.

Aviação

Pelo principio do anno 1908, appareceu a São Paulo o aviador brasileiro, Gastão de Almeida, rapaz de familia nobre carioca, trazendo de Pariz, um biplano Voisin munido d'um motor Quôômê de 50 HP.—elle foi acerto a empregar o motor Quôômê, que por aquelle tempo era de pouco uso.—Escolheu o Hippodromo como areodromo e depois de executar alguns vôos a dez ou doze metros de altura, sendo pouco applaudido, vendeo seu aparelho, ao brasileiro Juventino Avignon que nas vagens do Pacajo, parte de Mogy-das-Cruzes executou vôos, de maior amplitude.—Nestes tempos, em Osasco, Seusaud de Lavaud, fabricou um monoplano, mas com este nunca conseguiu voar.

Chegaram então ao Brasil, dois aviadores italianos Julio Picollo e Rugerone.—O primeiro que pilotava um monoplano Bleriot, motor Ousani 50 HP, quiz executar seus vôos na pista do Velodromo mas devido a um dos cylindros do motor, não funcionar, atirou-se o infelizmente do Picollo, sobre o cimento da pista do corredor de bicycleta.—Elle, coitado que desejava Bom Natal aos paulistas, apesar de ser aconselhado por Rugerone de não voar, foi offerecer-se a Consolação, como presente para o natal.—deixando na Italia, viuva e quatro filhos.

Seu monoplano que não fora muito damnificado, foi então vendido, sendo o possuidor então Lausaud de Lavaud, que no parque Antarctica, executando uma experiencia, logo ao signal de «Lacher-tout», corre uns metros, com golpe

de «timon de profondeur», forte de mais, faz que o aparelho, se eleve n'um angulo de 70° a 75°. Elle então, cahe damnifica todo o aparelho, porem sem machucar-se.—O aparelho é levadô, a casa do mechanico Tranquillo Gianini que reforma tudo o que fora quebrado.

Da Allemanha, viera ao Rio e tambem a São Paulo com um monoplano, Schultz-Füres, não pode executar vôo algum: mas um francez, conde de St. Samera executa um vôo a altura de 50 mts. mas um golpe de vento, faz que o aparelho, pende a sua esquerda, descendo vertiginosamente caindo sobre a aza esquerda e damnificando-o aviador, que ficou um pouco ferido, mas no fim de algumas semanas ficou restabelecido.

Concertado o aparelho de Sausand, o aviador terrestre vendeu-o ao paulista Alaor de Quéiroz que tendo o Sausand como mestre, devido a sua coragem e querendo voar a força; eleva-se loge, e querendo virar o aparelho, cahe e o coitado fére-se, vindo a falecer, depois de grandes sofrimentos alguns dias depois.

Rugerone, então na Moooca executa com seu biplano Farman, esplendidos vôos, porém de pequenas distancias nas quaes podia-se apreciar viragens bellas: o aviador era muito calmo, e seu aparelho de grande estabilidade, nos seus vôos não elevou-se a mais do que 150 metros.

Junto a este veia o Plauchut que n'um aparelho Bleriot, ultimo typo, munido d'um motor Quôôsue 50 AP. magneto Bosch, bougeis Oléo; foi primeiro á Santos, onde executou, a travessia da barra, passando acima do Itaepús n'uma altura de 800 metros.—Veiu então a São Paulo onde tambem executou na Moooca, com seu collega Rugerone, vôos sobre a cidade e seus arrabaldes voltando somente depois de 40 minutos, numa altura de 250 a 300 metros.—Rapaz de boa educação, conhecendo muito bem a mechanica, calmo, corajoso, não havendo obstaculo que elle não pudesse vencer; bom equitador, mostrou-se elle, na Italia e em outros paizes apresentando-se como Jochsay.—Já com uma motocycleta no qual adaptara um planeur fez elle, um arriscado vol plané, depois de ter lançado sua motocycleta, atirando-se d'um Barranco; foi o inicio da sua carreira area.—Foi então a França onde comprou um Bleriot, munido de motor Ansaní, de 24 HP.—Veiu a São Paulo, mas este monoplano não rendia devido ao motor ser de pouca força.—Voltou a Pau, na escola de aviação Bleriot, onde tirou seu titulo Brevet de Piloto.

Voltou ao Brasil com o seu monoplano, mas desta vez com um motor Guôme rotativo, de 50 HP.

Então executou esplendidos vôos, tanto em Santos, como na capital, mostrando sua destresa, calma e coragem.

Voou pela cidade toda, com a Gloria como passageira ao

passo que outros, pretendiam voar ou voavam com Exploração Peculiar.

Que a todos que estudam esta bella carreira lhes sejam dados—Animo, Constancia e Felicidade.

GEORGE CORBISIER.

A cidade de Palmyra

Palmyra é uma das mais prosperas cidades do Estado de Minas Geraes. O municipio está situado nos campos da Mantiqueira e occupa uma area de 758 kilometros quadrados; ou 12 leguas quadradas, segundo M. Apollo.

Este municipio, tem em poucos annos demonstrado um progresso admirável por ser um dos menores municipios que tem por séde uma cidade. Conforme uma das ultimas estatisticas sabemos que num reduzido numero de annos a população se elevou á consideravel cifra de 12.000 habitantes com uma densidade de 1.000 almas por legua de area.

Foi a agricultura que mais levou a Palmyra á era actual de progresso devido ao seu uberrimo solo e á incontestavel perseverança de seus habitantes.

Ao visital-a de relance esta cidade se apresenta como uma das mais bellas e mais agradaveis situações do immenso territorio de Minas. A cidade conta grande numero de bellos edificios e encantadoras residencias particulares ora grupadas e ora espalhadas por aquellas bellissimas collinas.

Alem da cidade ve-se a matta que em grande parte a circumda e dá áquelle centro de actividade a illusão de uma muralha protectora daquelle pequeno eden.

Um articulista publica no 1.º numero da «Flora Mineira», revista de Palmyra, um artigo claro e muito bem redigido, sobre a prosperidade da cidade, e onde não faltam as tradições mais antigas da sua fundação.

«Nos ultimos dias do regimem monarchico, o então presidente da provincia, sr. visconde de Ibiturna, elevou a villa, em 27 de Junho de 1889, trocando o antigo nome de arraial de João Gomes pelo de Palmyra.

Como tal, embora emancipado administrativamente, o nosso municipio não logrou a autonomia judiciaria, que só alcançou nove mezes apoz pelo dec. n.º 25 do governo provisório de Minas, que classifcou-a de cidade, com fóro especial, sendo para ella transferida séde da comarca de Lima Duarte, desannexando-a do termo de Barbacena, de que até então fóra tributaria.

Palmyra tambem foi o berço de Santos Dumont, que tanto se esforçou pelos grandes inventos da aviação, e que é hoje considerado como um dos maiores vultos das maravilhas deste seculo.

«Cortada pela Estrada de Ferro Central do Brasil que mantem no perimetro municipal as estações da cidade, Mantiqueira, Rocha Dias e João Ayres; vae em breve a cidade de Palmyra tornar-se mais prospera devido ao futuro ramal do Rio Doce que demanda o uberrimo valle

do Piranga, já estando bem adiantado os trabalhos da E. de Ferro do Rio Doce pertencente a Estrada de Ferro Central do Brasil.

Sobre o prolongamento da estrada de ferro, que mais tarde engrandecerá aquella cidade diz ainda o notavel articulista.

«Esta estrada que já tinha construido em trafego um pequeno trecho de 26 kilometros até Livramento, teve de suspender-se por falta de verba para a continuação dos trabalhos, permanecendo em completo abandono pelos concessionarios; recentemente, porém, entrando o estado em accordo com os poderes federaes, foi firmado contracto de cessão, com o fim de tornar-se ella um ramal da Central do Brasil, em cumprimento do que o exmo. sr. dr. Paulo de Frontin, director da Central, ordenou desde logo os trabalhos de reconstrução e prolongamento, que já estão sendo atacados com presteza, para que no menor prazo torne-se realidade esse sonho doirado dos palmyrenses.

Esse ramal estabelecerá o trafego de Barbacena. Livramento Pomba (por mercês). Alto Rio Doce, Piranga, Ponte Nova e Caratinga.

A dois kilometros da cidade, a Central do Brasil mantém um deposito de machinas e officinas que occupam cento e poucos operarios para reparos e pequenos concertos.

Ah! são cuidadas as locomotivas de substituição para a subida da serra da Mantiqueira, dos trens de passageiros.

E finalmente venho dar aos meus leitores a ultima parte do artigo em questão, desejando que cada vez se torne mais intensa esta epocha de espantoso progredir.

«A cidade possui 15 ruas, das quaes 4 calçadas, 1 travessa e 3 largos.

Seus edificios principaes são a igreja Matriz a casa da Camara, ambas em construção, a Santa Casa, a estação da Central do Brasil, o Hotel Romano, a residencia do exmo. sr. dr. Vieira Marques, a Loja Maçonica, a redacção do «Mercantil», o Grupo Escolar e grande numero de bellissimas vivendas particulares.

Desde 1898 a cidade é abastecida de agua potavel, canalizada pela camara, que para levar a effeito esse serviço teve de lançar um emprestimo de 280.000\$000 cujo serviços de juros e amortisação tem sido feito com regularidade.

Por enquanto é illuminada á kerozene, em breve sel o ha por electricidade, pela Companhia Força e Luz.

O commercio local que é importante é representado por 40 estabelecimentos, verdadeiros bazares, alguns dos quaes muito bem sortidos.

Possue a cidade (só no perimetro 4 jornaes semanarios que têm por decano o «Mercantil»

M.

S. Paulo, 9-9-911.

A COLONISAÇÃO

Graças á fecunda administração, do dr. A... Padua Salles na gestão da pasta da agricultura, a colonisação no estado de S. Paulo tomou n'estes ultimos tempos um desenvolvimento digno de nota. Assim, temos visto de anno para anno, avolumar-se cada vez mais a corrente immigratoria de familias, que aqui aportam com o fito de se localisarem definitivamente tornando-se proprietarias das terras nos nucleos coloniaes do Estado.

Notamos que o governo comprehendendo perfeitamente a grande vantagem da fixação do emigrante ao solo, têm-lhe por todos os medos facilitado a acquisi-

ção das terras, concedendo-lhas por modico preço e a longo praso, proporcionando-lhe ainda todos os auxilios de que venha a carecer, até, que o producto, das primeiras colheitas de suas culturas lhes dê os recursos necessarios para poder prover as suas necessidades.

O immigrante, desde que desembarca em Santos até a sua definitiva localisação no lote de terra que afinal escolher, encontra por parte do Estado todo o carinho possivel e o melhor acolhimento.

A inspectoría da immigração, em Santos logo apoz á chegada do vapor que traz immigrantes, comparece a bordo por alguns de seus funcionarios e, procurando pôr-se logo em contacto com elles, fornece-lhes todas as informações e facultas-lhes todos os meios de transportal-os para a capital no proprio dia da chegada

Aqui acolhe-os a Hospedaria dos Immigrantes com todo o conforto, fornecendo-lhes uma grande copia de informações fidedigna sobre todas as condições da lavoura, do Estado e nucleos coloniaes.

Si, porventura, algum chega doente, não lhe falta ali o medico, a pharmacia e uma enfermaria montada com todo o capricho e de accordo com as mais modernas prescrições scientificas.

Escolhido pelo colono o lote que pretende adquirir, facilita-se-lhe o transporte e, de toda a familia, para lá, onde lhe é pelo Estado, garantida a subsistencia, durante dez ou quinze dias.

Como os colonos vindo espontaneamente, cabe, em face do regulamento em vigor, a restituição das despezas de viagem; fica-lhe facultado o direito de pagar a primeira prestação do lote com essa mesma importancia, restituindo-lhe o Estado o excesso, se houver. Para as outras prestações é-lhe concedido o prazo de 10 annos.

Durante o primeiro anno, o Estado concede auxilios por adiantamento para a compra de animaes de trabalho, para a compra de uma vacca leiteira, e entrega-lhe logo que elle vai tomar posse do seu lote, 21/2 hectares de terras preparadas para receberem as primeiras sementes. Estas terras, de propriedade do Estado que as adquire por compra, estão livres de todo o onus e de quaesquer duvidas.

Com taes facilidades, alem de outras que o governo não regateia a conceder aos colonos, desde que nelle veja um bom elemento a ser aproveitado, é bem de vêr-se que admiravel seria que a corrente immigratoria não se tivesse avolumado tanto como tem acontecido.

Infelizmente neste ponto do progresso maravilhoso da corrente immigratoria surto um formidavel ponto de interrogação: Seremos prejudicados pela questão italo-argentina? Que podemos fazer? recusar os immigrantes?.. E assim and-u de bocca em bocca a triste occurencia da infecção de cholera morbus, por parte dos immigrantes italianos.

O Tempo e a boa dedicação dos maiores vultos da patria dos immigrantes fizeram até agora com que a questão se resolvesse do melhor modo possivel.

Depois de muitos litigios na maior parte mal fundados restabeleceu-se a antiga calma entre os dois paises litigantes. O Brasil e especialmente o estado de S. Paulo foi citado em toda a península como o mais palpavel modelo da boa recepção dos immigrantes. Podemos gloriar-nos dos aplausos que merecemos.

Ultimamente foi na Italia decretada a instrucção dos immigrantes e é claro que devemos fazer todos os esforços possiveis para equiparar a classe dos operarios nossa com a que vamos receber no futuro.

**

O altruismo do povo de S. Paulo e principalmente dos encarregados da pasta da agricultura tem se evidenciado de um modo muito apparente; porem é necessario não esquecer de alguns milhares de brasileiros espalhados no littoral e no interior do Estado.

Os habitantes do littoral são dentro

todos os mais esquecidos do governo e toda a pessoa que tenha conhecido todos estes praianos lamenta amarguradamente esta indifferença por parte do governo. Quem passa pelo littoral nota logo a conservação dos costumes coloniaes tanto na linguagem quanto na pesca, na agricultura e na sua navegação primitiva: A Cia. de Docas deve aos praianos a mão de obra da sua monumental instalação electrica e os directores da companhia reconhecem os dotes deste povo esquecido. O nosso littoral será mais tarde trilhado pelas estradas de ferro e devemos preparar os seus habitantes para o progresso do futuro porque são os unicos que se adaptam ao clima e ás difficuldades do solo.

No interior do Estado ja a indifferença não se nota. A secretaria da agricultura facilita muito os pequenos lavradores do interior e o ensino ambulante da cultura das terras e recebida com verdadeira anciedade.

Alem disto o exemplo que o Estado deu, adquirindo terras para dividil-as em pequenos lotes afim de facilitar a sua aquisição por parte dos colonos tem felizmente impressionado o espirito dos grandes proprietarios de terras, que já começam a imital-o convencidos de que as terras incultas são um capital morto.

Si todos os grandes proprietarios de terras se convencessem das vantagens, que lhes adviriam com a divisão de suas propriedades, não estaria muito afastado o dia em que houvessemos de ver desaparecidos esses enormes sertões do Estado substituidos então por prosperas colonias destinados a serem futuramente outros tantos centros de vida e de riqueza.

Sobre a questão das raças na colonisação vemos perfeitamente que os lugares mais prosperos são justamente os lugares onde domina o sangue branco.

Portanto a colonisação italiana nos é muito necessaria. Na capital do estado ella domina e os excellentes resultados obtidos nos anima a desejar com ardor a propaganda da colonisação deste povo regenerador. O povo italiano alem de ser intelligentissimo leva avante o nosso progresso abastecendo o Estado de proletarios de todas as profissões. Não é isto tudo o que podemos desejar da parte dos immigrantes?

x.

Noticiario

SALTO GRANDE

Não foi possivel sêr inaugurado no dia 7 de Setembro, o esplendido Cinema 7 de Setembro, empreza Souto, Irmão & C. por motivo de haver um pequeno accidente no motor por ocasião, de iniciar a secção. Porém, o sr. major Vieira Souto passou um telegramma para S. Paulo, pedindo um mechanico, o qual veio e poz o motor a funcionar.

Foi inaugurado hontem com grande brilho e animação, pois a platéa esteve magnificamente cheia e o sr. Vieira Souto, foi ruidosamente applaudido pela boa idéa que teve em erguer n'esta bella villa, um bem montado e ornamentado pavilhão cinematographico, todo illuminado a luz electrica em profusão, a fim de destruir as preoccupadas idéas da povoação do Salto.

Fizeram parte na orchestra, diversas pessoas do lugar.

Além de tudo isso, compareceu tambem a banda de musica d'aqui, composta de 12 figuras, a qual concorreu

para o maior brilhantismo da festa.

Em seguida falou o sr. Vieira Souto, agradecendo aos espectadores, o bom modo com que procederam no dia desejado para a inauguração. Pois o sr. Vieira, contava com uma grande vaia, aliás com razão, porque já havia passado de 10 e meia horas da noite, quando elle chamou o povo a attenção que o motor havia desconcertado, e por isso não podia funcionar. E esses calmos e serenos, ouviram e retiram-se muito tristes dizendo: Coitado do Vieira!...

Tivemos occasião de destacar do programma os seguintes films:

Nero, grandiosa fita dramatica.

Conde de Montargys, dramatica.

Joaquim Murarth, dramatica Inspector dos bicos de gaz, fita comica.

Do correspondente, 14-9 911.

IMPRESSOS

Recebemos:

«A Flora Mineira», anno 1, num. 1.º revista que se publica em Palmyra, estado de Minas Geraes;

«A Folha» de Porto Ferreira, organ imparcial e dedicado aos interesses do municipio; «A Cidade de São José dos Campos», organ do partido republicano reformista;

«A Lucta de Cascavel», folha imparcial.

«O Martello», Botucatu, organ Critico, Humoristico e Noticioso;

«O Norte», folha publicada em Taubaté;

«O Tieté», de Tieté, organ consagrado aos interesses do municipio;

«A Cidade de Itú», organ dos interesses daquelle municipio;

«A Cidade de Franca», organ politico, agricola e commercial;

«O Alpha», folha diaria editada em Rio Claro.

«A Concordia», bi-semanal publicada no Braz (S. Paulo).

«O Brado de Alerta», organ de propaganda espirita, publicado em Uberaba. (Minas)

«A Cidade de Batataes», folha popular publicada em Batataes.

«Da capital recebemos as seguintes publicações: «A Palavra», «Ideal», «Guarany» e o «Paulista».

Agradecemos a todos pe-nhoradissimos e permutamos.

Thimoteo

(O ANTROPOPHAGO)

Quando ainda estudante da Faculdade de medicina, isto cousa já de uns trinta e tantos annos, havia por lá vagando de republica em republica um muleque, a personificação da feiura. As pernas tortas, finas e disformes, corpo desproporcionado com um hombro mais alto do outro, braços de gaúlla a cabeça então a-

chatada, monstruosa. Tinha seu rosto preto retinto um que de selvagem, deshumano especialmente quando abria a enorme bocca, deixando ver duas filas de dentes desalinha-dos e amarelos verdadeiras mandibulas de jacaré, para coroar, era o coitado do Thimoteo vesgo, e tão desastrosa-damente horroso era elle, que mettia medo a criança da toda da vizinhança, e por não ter sido considerado como perfeita-mente humano, pelo conse-lho das republicas, chamava-mos o Eolo, ou simplesmente Eolo.

Acabei o meu curso e desde que abandonei a saudosa re-pública, nunca mais vi o Eolo, e nem mesmo ouvi falar d'el-le.

A uns seis mezes, passeava eu por uma destas mil ruas que formam este laberintho vivo Paris para onde fora em recreio com minha familia, quando a minha atenção pren-deu-se a enormes cartazes via-se a lithographia de um monstro engaiolado e por baixo em letras cubicaes:—O antropophago, o homem que já comeu centenas de homens, a fera humana! e uma porção de outros dizeres não menos terríveis e atrahentes.

A minha curiosidade natural de touriste seduzio-me e aca-bei puxando meu franco e entrando.

N'uma sala espaçosa havia um cercado de cordas no centro e no meio deste de uma jaula construida n'uma pla-taforma alta.

Encerrado estava a "féra" medonha, só com uma especie de tanga, inquieta, andando de cá para lá, de vez em quan-do ganindo e atirando-se contra a grade que a sacudia violentamente ao mesmo tempo rangia e mostrava duas filas de dentes de canibal profissional. As crianças e mu-lheres assustadas gritavam, os guardas armados de revolvers, dobravam a vigilancia no peri-metro entre a jaula e o cer-cado, e ao mesmo tempo ameaçava o captivo. De fóra ouvia-se o alto pregão dos em-pregados de porte o rumor da gente a entrar e sair, o choro de crianças assustadas, em fim tudo dava um espe-taculo impressionantemente selvagem.

Assim que vi o «bruto», re-conheci—era Thimoteo, o Eolo, não havia a menor duvida, tinham lhe cortado a cabel-leira defferente, mas não po-dia deixar de ser elle.

No dia seguinte voltei mas n'uma hora em que não havia ninguem. Apresentei-me «ao dono», como medico, e medi-ante 10 francos e promessa de não me aproximar muito, porque podia me agarrar e comer uma mão—como já tinha acontecido—pois o bicho apesar de não ser destituido de todos os sentidos humanos, obedecia mais a instinctos—e uma porção de outras cousas, me deixaram entrar, para estudar o especimen, como lhe chamou.

Não havia ninguem na sala. Thimoteo estava no seu posto e meio que cochilando fumava

um cachimbinho. A porta não estava encadeada ainda. AO chamal-o pelo nome, elle pu-lou reconheceu-me e veio para junto a grade, falamos um pou-co sobre uma cousa e outra:—Nhônô por aqui? que faz mecê?

—Bom, pergunto eu, que faz você ahi?—ao que me respon-deu baixo recommendando-me:

—Nhosinho, pelo amor de Deus, não me estrague o ne-gocio, já tenho um sacco de dinheiro—estou enganando franceis!...

Ficcu de me ver quando não estivesse «fora» mas não veio, e depois não o tornei a ver, creio que por algum tempo ainda continuasse no lucrativo negocio de «enganá franceis».

Corityba, 19—8—911.

A. MALFATTI.

(Do nosso concurso humoristico.)

Nicola Papa

Encarrega se de pinturas de obras, decoração e quadro de luxo. Fingimento de madeiras e marmores, e forração de papel.

Rua Cezario Motta n. 57
— SÃO PAULO —

Santo Ferrari

EMPREITEIRO CONSTRUCTOR

Encarrega-se de toda e qualquer
◆ ◆ construção ◆ ◆

Rua Paraguassú 39
SÃO PAULO

Carpintaria e Marcenaria

— de —
Victorio Giarelli & Cia

Encarrega-se de todo serviço con-cernente á sua arte.

PREÇOS MODICOS

Rua Barão de Duprat

Francesco Moretti

Encarrega-se de construcções.

Especialista em forros de estuque, costumes européos.

Rua Joaquim Nabuco n. 16
— SÃO PAULO —

Empreiteiro - Constructor

Defazio Firmo

Construcções garantidas e a preços razoaveis.

Rua Piauhy N. 39

S. Paulo

Casa de Encanamentos

— DE —

NICOLA CIRILLO

Preços modicos = = = = Presteza e perfeição

Rua da Consolação, 9 — São Paulo

Francisco Purini

Pintor

Empreita-se qualquer serviço deste ramo

Rua Mamoré n. 27-a Bom Retiro — S. Paulo

Chapelaria TRUST

Completo sortimento de chapéos para homens e meninos

JERONYMÔ VARELLA

Rua Direita, 34 — S. Paulo

Confeitaria da Gloria

- Ricciotti Fenech -

Grande sortimento de doces, biscoitos, be-bidas finas, vinhos de meza. Aberto até 1 hora da noite.

Rua da Gloria, 12 e 14
S. PAULO

Carpintaria e Marcenaria Mathias

DE

Antonio Rodrigues dos Santos

Encarrega-se de todo o serviço concernente á sua arte. Especiali-dade em esquadrias, como sejam: portas, janellas, caixilhos e ven-czianas.

Preços Modicos

ALAMEDA BARROS 41

SANTA CECILIA